

O uso do *storytelling* no radiojornalismo narrativo: um debate inicial sobre *podcasting*¹

Storytelling strategy in narrative radiojournalism: an initial debate on podcasting

*Luana Viana*²

1 Este artigo é uma versão revisada e ampliada do trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). Coordenadora do projeto de extensão Pequenos Ouvintes (Ufop) e membro do grupo de pesquisa Convergência e Jornalismo (PPGCOM-Ufop) e do grupo de pesquisa Laboratório de Mídia Digital (PPGCOM/UFJF). E-mail: lviana.s@hotmail.com.

Resumo

Essa pesquisa pretende iniciar um debate acerca do uso da técnica *storytelling* para *podcasts* que se enquadram na categoria de radiojornalismo narrativo. Recorremos à revisão bibliográfica para refletir sobre o uso de tal estratégia na composição de narrativas e aplicamos a análise de conteúdo no primeiro episódio da quarta temporada do Projeto Humanos, "O Caso Evandro", para aprofundar as discussões. Como principal resultado, observamos que, com base nas características do rádio e da mídia sonora, há um terreno propulsor para o desenvolvimento do *storytelling*.

Palavras-chave

Rádio, radiojornalismo narrativo, *podcast*, *storytelling*, caso Evandro.

Abstract

This research aims to spark a debate on the storytelling technique for podcasts that fall into the narrative radio journalism category. We performed a literature review to reflect upon the use of this strategy for composing narratives, and applied the content analysis in the first episode of the fourth season of *Humanos* project, "The Evandro Case," to deepen the discussions. As a central finding, we detected, considering radio and sound media features, a driving force for storytelling development.

Keywords

Radio, narrative radiojournalism, *podcast*, *storytelling*, Evandro Case.

Introdução

Em busca de expansão, o rádio se apropria de diversas estratégias que contribuem para sua efetiva penetração nas mais variadas plataformas, atingindo cada vez mais ouvintes. Aqueles que apostaram todas as suas fichas em uma morte falsamente anunciada não imaginariam como a internet contribuiria para o alastramento e fortalecimento do conteúdo sonoro. Elementos parassonoros, assim como técnicas etiquetagem e compartilhamento de suas produções, são apenas alguns exemplos que consolidam as produções em áudio num cenário tomado pelos formatos multimídia.

Atualmente, falar em uma busca pela sobrevivência é fechar os olhos para fenômenos que emergem e predominam junto aos mais jovens, como o *podcasting*. Se o rádio buscava uma forma de rejuvenescer sua audiência, encontrou nesse novo formato uma fonte de possibilidades. Por mais que esse formato apresente uma visível expansão e grande variedade de conteúdo atendendo a diversos nichos, percebemos como a produção voltada para jornalismo narrativo é pequena. Entretanto, o *storytelling* nesse tipo de conteúdo é predominante.

Dessa forma, essa pesquisa pretende iniciar um debate acerca do uso da técnica *storytelling* para *podcasts* que se enquadram na categoria de radiojornalismo narrativo (KISCHINHEVSKY, 2018). Recorremos à revisão bibliográfica para refletir sobre como o rádio e a mídia sonora têm potencial para a apropriação de tal estratégia, e aplicamos a análise de conteúdo (BARDIN, 1977) no primeiro episódio da quarta temporada do Projeto Humanos, "O Caso Evandro", para aprofundar as discussões.

Storytelling no jornalismo

O uso do *storytelling* não é novo quando se pretende contar histórias e construir narrativas. No entanto, essa técnica tem se desenvolvido e construído suas próprias características para atender aos objetivos traçados de acordo com a área em que é utilizada, como veremos. Trata-se de um recurso a que diferentes vertentes da comunicação recorrem para conquistar e fidelizar sua audiência.

De maneira ampla, Cogo (2012, p. 135) pontua o que se entende por *storytelling* sem restringi-lo a um suporte ou tipo de narrativa. Para o autor, essa técnica constitui uma lógica de

estruturação de pensamento e de um formato de organização e difusão de narrativas, por suportes impressos, audiovisual ou presencial, com base nas experiências de vida próprias ou absorvidas de um interagente – ou ainda por relatos ficcionais, derivando daí relatos envolventes e memoráveis. (COGO, 2012, p. 135)

Como mencionado, a técnica se molda de acordo com a plataforma em que é veiculada, em consonância com suas proposições, perpassando narrativas fáticas e ficcionais por meio de diversos formatos. Bastante discutido no âmbito da divulgação de marcas, o *storytelling* busca contemplar as dimensões cognitivas do ser, rompendo com as estratégias engessadas e verticalizadas de priorizar o produto no lugar do consumidor.

Ao longo da história da publicidade e do marketing voltados para o âmbito organizacional,

a sociedade descobre que os seres humanos são criaturas que operam em diferentes e integrados níveis de cognição, caminhando em igualdade de importância tanto sua capacidade intelectual, lógica e racional, quanto suas habilidades emocionais e seu potencial intuitivo. (LIMA, 2014, p. 120)

Assim, os sentimentos e representações dos seres humanos passam a ser a chave para a conquista do público.

O atual desafio das narrativas comunicacionais é encontrar, em meio a tantas histórias ofertadas, aquela que traz o sentido necessário para o ser humano, já que “as tecnologias de comunicação multiplicaram a oferta de histórias, atendendo à necessidade das pessoas, mas, ao mesmo tempo, tornando a situação mais complexa” (CUNHA; MANTELLO, 2014, p. 59). Diante de um cenário de transformações, as novas tecnologias tornam-se terreno fértil para a construção de sentidos, mas também configuram-se como esferas desafiadoras. Restringindo

o olhar para o contexto jornalístico, Cunha e Mantello (2014, p. 58) apresentam o que compreendem como *storytelling*:

[...] constitui uma técnica para narrar fatos como se fossem histórias. Ao enfatizar a narração e descrição, há um esforço de recriar cenas e personagens, tarefa estética de despertar sensações no consumidor de notícia, seja ela impressa ou audiovisual, para que ele se identifique com o relato e goste do texto jornalístico como apreciaria um texto mais elaborado, propriamente literário ou poético.

Uma fração da reflexão dos autores parte das características de um jornalismo literário, que tem as histórias de vida constituídas em seu cerne. Tal essência tem “o potencial de ampliar a tentativa de compreensão sobre si mesmo e sobre o outro, num notável exercício de alteridade que se estende à relação com a comunidade e/ou a sociedade na qual ambos se inserem” (MARTINEZ, 2017, p. 31).

De maneira imediata, podemos apontar algumas diferenças entre o jornalismo convencional/ habitual e o literário para compreendermos as peculiaridades que ajudam a compor a prática do *storytelling*. Enquanto o primeiro tem como principal objetivo informar seu público, o segundo vai um pouco além, pois procura oferecer

[...] um mergulho sensorial na realidade. Não basta a informação seca, dita objetiva, factual. O leitor é convidado a captar na narrativa as nuances ambientais de onde o acontecimento se dá. As cores, os sons, os cheiros – se possível –, o movimento dinâmico com que as ações se dão. (LIMA, 2014, p. 121)

No jornalismo convencional, as pessoas atuam como fontes de informação, já no literário, elas compõem personagens reais e complexas. Para Lima (2014, p. 121), nesta modalidade, “busca-se a compreensão da realidade através das pessoas que a constroem e que ao mesmo tempo são sujeitas às peculiaridades de sua totalidade”. Outro aspecto a ser observado é como ambos os jornalismo se apropriam do elemento temporal: o primeiro tem a atualidade como guia de

suas ações, enquanto o segundo vê na contemporaneidade ligações importantes entre o fato de hoje e seus possíveis desdobramentos ao longo do tempo³.

Para Cunha e Mantello (2014, p. 58), independente da técnica utilizada, jornalistas são contadores de histórias porque reportam os fatos. A forma como fazem isso é que vai ser desdobrada em variadas modalidades. No caso do *storytelling*, "o termo em inglês pode ser traduzido como algo próximo à contação de histórias, situação na qual o jornalista é contador (*teller*) e o fato apurado (*story*) é o que deve ser narrado. Ainda em inglês, matéria [jornalística] [...] é *story*" (CUNHA; MANTELLO, 2014, p. 58).

Defendemos a ideia de que as histórias – e estórias – são partes intrínsecas da nossa natureza como seres sociais. Para Lima (2014), contar história, de maneira geral, consiste em

unir ações desencadeadas dinamicamente no tempo, em locais específicos, envolvendo personagens determinados, desenvolvendo conflitos, provocando – se possível – catarse, iluminando nossa condição humana e o drama coletivo da existência da espécie neste planeta, nesta e noutras civilizações, em todos os tempos. (LIMA, 2014, p. 122)

Dessa forma, o *storytelling* usado no jornalismo traz as características da humanização de narrativas, recorrendo ao encadeamento dos fatos voltado para o envolvimento do contar histórias, aliado à transmissão da informação. Como parte de sua estrutura, apontamos que o lead muitas vezes é substituído pela descrição da cena. No lugar de responder objetivamente às questões "quem?", "onde?", "como?", "quando?", "por quê?" e "o quê?", prevalece a descrição sensorial e sinestésica. Para Lima (2014, p. 122), essa reorganização "[...] faz sentido, quando se nota que o propósito da modalidade é conduzir o leitor simbolicamente para dentro dos ambientes que suas narrativas representam".

3 A diferença entre jornalismo convencional e literário é fonte de uma discussão rica que poderia ser aprofundada. No entanto, como isso não é nosso objetivo nesta pesquisa, acreditamos que os aspectos apresentados satisfazem as ilustrações de algumas técnicas das quais o *storytelling* se apropria para que possamos refletir, de fato, sobre sua composição.

O *storytelling* voltado para o jornalismo recorre aos sentimentos e emoções de quem consome a informação, acionados pela humanização do relato e pela forma como os personagens são representados, fatos que aproximam o público-alvo e o sensibiliza sobre o conteúdo transmitido.

As pessoas atribuem significado a suas histórias não apenas pelo nível factual dos acontecimentos com os quais estiveram envolvidas. “Dão-lhes sentido pelo valor simbólico, pelo peso emocional e pelo abrigo afetivo que a elas concedem, elementos esses habitantes do mundo psíquico interno das pessoas” (LIMA, 2014, p. 124).

Para produzir sentido com *storytelling*, uma história deve apresentar um conflito em seu enredo. Para Cunha e Mantello (2014, p. 59), “essa estrutura é formada por um tema, aquilo de que se fala; um argumento, os acontecimentos; a trama, que é a estrutura propriamente dita; e sentido, a verdade transmitida”.

O jornalista transforma-se no contador, reinventando o jornalismo de forma que se mantenha o propósito de informar. Então, o cuidado com a produção não se esgota no início, quando é fundamental prender a atenção de quem a consome, nem se limita ao seu desenrolar. O *storytelling* requer que a história seja importante como um todo, como apontam Cunha e Mantello (2014):

Como uma história, a técnica do *storytelling* requer um bom começo, para fisgar o leitor (ou telespectador) como se fosse um anzol, e manter esse ritmo até a conclusão do texto. Portanto, *storytelling* não tem a ver com pirâmide invertida, mas pode oferecer elementos estéticos à narrativa jornalística baseada na pirâmide invertida com base retangular, cujo final mantém-se rico em informação e elementos atrativos do bom texto. (CUNHA; MANTELLO, 2014, p. 61)

Neste tópico, grande parte dos apontamentos sobre o uso do *storytelling* no jornalismo contempla o que se desenvolve no impresso ou no audiovisual. Nosso objetivo, todavia, é trazer tal debate para o contexto do rádio e das mídias sonoras, mais especificamente para a modalidade *podcasting*. É o que faremos a seguir.

Radiojornalismo narrativo: um breve olhar

Majoritariamente, a estruturação dos *podcasts* se apresenta como formato de debate, herança do rádio massivo que encontra nessa técnica uma forma de programação que requer baixos investimentos em sua produção. No tradicional modelo, Almeida (2004, p. 48) descreve o debate como “um formato geralmente apresentado ao vivo, o que lhe empresta uma credibilidade particular, na medida em que o ouvinte tem acesso ao depoimento integral do entrevistado. Não há edição e os cortes do apresentador são percebidos pelo ouvinte”.

Já para Barbosa Filho (2003, p. 103), os debates, ou mesas redondas,

[...] são espaços de discussão coletiva em que os participantes apresentam ideias diferenciadas entre si. Normalmente, são apresentadas por um apresentador que impõe as regras previamente aceitas pelos participantes, tendo em vista delimitar o tempo de fala de cada um, organizar as perguntas e a sequência das respostas.

Para o autor, esse formato compõe o gênero jornalístico dentro do rádio. No entanto, quando se trata dos *podcasts*, encontramos esse modelo variando também entre educativo-cultural e entretenimento, por exemplo. Enquanto o debate predomina na pódosfera, os programas dedicados ao jornalismo narrativo são menos representativos em termos quantitativos, o que reflete nas pesquisas da academia. Kischinhevsky (2018, p. 75) alerta que no âmbito do *podcasting*

[...] poucos trabalhos são dedicados à articulação do suporte com o radiojornalismo e suas especificidades em termos de linguagem, considerando-se que a modalidade representa uma ruptura com a lógica de fugacidade das transmissões radiofônicas exclusivamente em ondas hertzianas de décadas atrás.

Segundo ele, esse novo formato é usualmente objeto de estudos voltados para a inovação em educação ou para um ativismo midiático. O autor dispõe-se, então, a explorar as conexões entre o *podcasting* e o jornalismo, propondo uma discussão teórica sobre o conceito de jornalismo narrativo voltado para o rádio, que se desdobra para o que tem sido desenvolvido em *podcasts*.

No rádio convencional, esse estilo se manifesta com características específicas, como o uso de trilha sonora para evocar sentimentos e sensações. Já a linguagem se aproxima da contação de histórias. Além disso, “cai o nível de redundância característico do texto no radiojornalismo, em função da atenção à narrativa, e ganham espaço os ganchos, os resumos explicativos que abrem e encerram os episódios, inspirados na lógica da ficção seriada” (KISCHINHEVSKY, 2018, p. 79).

Já na produção narrativa voltada para o *podcasting*, Kischinhevsky (2018, p. 79) aponta algumas características específicas, como uma apuração em profundidade, na qual o jornalista ouve amplamente as fontes e recorre à ilustração desses personagens várias vezes ao longo da produção; e ao fato de não haver uma restrição de tempo das sonoras utilizadas como ocorre no radiojornalismo convencional. Para ele, a maioria retoma crimes ou envolve investigações marcadas por controvérsias, sendo sempre histórias verídicas que tiveram alguma cobertura da imprensa, mas não com a devida profundidade.

Além dessas pontuações, o radiojornalismo narrativo em *podcasts* pode trazer

uma construção narrativa dos fatos relatados, com rica descrição de ambientes e situações. O uso da primeira pessoa é recorrente pelos apresentadores, que não se furtam a verbalizar suas dúvidas, impressões e opiniões, embora sempre tendo como pano de fundo valores implícitos relacionados ao jornalismo, como a busca pela verdade e pelo equilíbrio na representação de versões contraditórias dos fatos. (KISCHINHEVSKY, 2018, p. 79)

Esse tipo de enredo carrega consigo, ainda, características próximas às reportagens, como uma apuração aprofundada e uma seleção criteriosa de fontes, aliadas a uma narrativa composta pela oralidade proveniente do rádio, apropriando-se do *storytelling* e proporcionando a aproximação do ouvinte com o assunto tratado.

Apresentado o que compreendemos como um radiojornalismo narrativo, a próxima etapa deste trabalho é refletir especificamente como a técnica do *storytelling* pode ser desenvolvida nessas produções que visam, antes de tudo, construir narrativas com base na contação de histórias.

Storytelling em podcasts com narrativas jornalísticas

Em outubro de 2014, a emissora de rádio pública Webz, de Chicago, Estados Unidos, transmitiu o primeiro episódio de *Serial*⁴, um *podcast* de jornalismo investigativo que narra uma história de não ficção em vários episódios. A produção conquistou milhões de pessoas, tornando-se febre mundial entre os ouvintes.

A primeira temporada conta a história de um assassinato ocorrido na cidade de Baltimore, em 1999. A jovem Hae Min Lee, de 18 anos, desaparece após ir para a escola. Semanas após o ocorrido, detetives encontram seu corpo e prendem seu colega e ex-namorado, Adnan Syed, pelo assassinato. O jovem alega ser inocente, mas é condenado à prisão perpétua. Os episódios da primeira temporada foram distribuídos ao longo de doze semanas e em tempo recorde já somavam 5 milhões de downloads.

O sucesso levou ao lançamento de uma segunda temporada, com 11 episódios, distribuídos no inverno de 2015-2016 [...]. Em março de 2017, *Serial* contabilizava nada menos que 250 milhões de downloads de suas duas temporadas (175 milhões só da primeira). (KISCHINHEVSKY, 2018, p. 78)

Serial teve sua terceira temporada lançada em setembro de 2018.

Recentemente, outra série jornalística com produção brasileira foi lançada pelo Projeto Humanos⁵, um *podcast* de "histórias reais sobre pessoas reais". A quarta temporada, nomeada de "O caso Evandro", conta a história do menino Evandro Ramos Caetano, de apenas 6 anos de idade, que desapareceu no dia 6 de Abril de 1992 na cidade de Guaratuba, litoral do Paraná. Poucos dias depois, seu corpo foi encontrado sem as mãos, cabelos e vísceras. A suspeita: foi sacrificado num ritual satânico. Essa morte aumentou o medo de pais em todo o estado do Paraná, que enfrentava naquele momento um surto de crianças desaparecidas. Em julho de 1992, sete pessoas foram presas em Guaratuba e confessam que usaram o menino em um ritual macabro. A estreia da série foi em 31 de outubro de 2018.

4 Disponível em: <https://serialpodcast.org/season-one>. Acesso em 8 jun. 2019.

5 Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br>. Acesso em: 8 jun. 2019.

Os dois seriados se enquadram na categoria que Kischinhevsky (2018) denomina como radiojornalismo narrativo e ambos afirmam utilizar o *storytelling*. Se um dos propósitos dessa técnica é criar a sensação de uma narrativa atrativa na qual o público se sinta imerso, as mídias sonoras tornam-se efetivas aliadas na criação desse ambiente. O áudio por si só possui o caráter imersivo em sua essência:

[...] ao lançar mão desse tipo de narrativa, tem como propósito conduzir o ouvinte a vivenciar histórias em situações imaginadas ou reproduzidas, numa forma de imersão com o conteúdo, sejam elas reais ou de ficção. A narrativa radiofônica possui elementos que contribuem de forma fundamental para uma imersividade, como a possibilidade de reconstituição sonora de áudios históricos, a entonação e o envolvimento emocional que a voz humana pode proporcionar. (VIANA, 2018, p. 8)

Dessa forma, acreditamos que outras características provenientes do rádio contribuem para potencializar o uso do *storytelling* em narrativas de *podcasts*. Como visto, trata-se de uma técnica para narrar fatos como se fossem histórias, enfatizando a narração e a descrição. O rádio, por ter sua essência baseada na linguagem sonora, recorre frequentemente à descrição de fatos, lugares e pessoas como estratégia para contextualizar o ouvinte e aproximá-lo da situação veiculada.

Outra característica que se aproxima do rádio é o caráter sinestésico dessa narrativa. Cunha e Mantello (2014, p. 59) acreditam que o uso dessa técnica

atinge os cinco sentidos, não deixando que o sujeito fuja da mensagem [...]. A sinestesia ocorre mesmo que o texto seja de um jornal impresso, a priori focado na leitura e no sentido da visão. O propósito da técnica do *storytelling* é, a partir de um sentido preponderante, acionar outros, graças à forma de estruturar o relato jornalístico.

Ortriwano (1985, p. 80) já pontuava que o rádio tem a sensorialidade como característica, pois “desperta a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham nuances individuais, de acordo com as expectativas de cada um”. Assim, aproxima-se dessa busca por contemplar o maior número possível de sentidos despertados nos ouvintes.

Outra vertente do *storytelling* é a humanização dos personagens. O rádio também carrega consigo esse interesse por histórias humanizadas, pois suas produções, ao ter como objetivo proporcionar uma noção mais aprofundada do fato narrado, recorrem a histórias de interesse humano, com destaque para o relato da vida humana, aliando o uso mais intenso, expressivo e diverso dos diferentes elementos da linguagem sonora com a utilização de diversas vozes.

Especificamente sobre o uso dessa técnica voltado para *podcasts*, pontuamos alguns elementos propícios ao desenvolvimento do jornalismo narrativo, que enfatiza a contação de histórias. Como visto, o tempo no *storytelling* é contemporâneo e não voltado para a atualidade, e tal fato dialoga com o processo produtivo do *podcast*, que diferentemente do rádio convencional e seu imediatismo, pode possuir produções atemporais.

Essa característica se assemelha muito à reportagem, proporcionando certo aprofundamento do tema tratado por possuir maior tempo em sua produção. Além disso, o caráter seriado proporcionado pelo *podcast* permite espaço suficiente para oferecer ao ouvinte um quadro abrangente da realidade.

Para manter o interesse do ouvinte em acompanhar o desdobramento das histórias, algumas características do *storytelling* tornam-se fundamentais, como a apropriação da cena logo no início da produção em detrimento do tradicional lead. No lugar da pirâmide invertida, a criatividade do jornalista é o ponto nevrálgico para envolver o ouvinte. Com base nisso, alguns recursos estratégicos podem ser utilizados ao longo da história, sendo os mais frequentes o uso de *plot twists* e *cliffhangers*.

Plot significa enredo. Um filme ou episódio de série é composto de um *plot* principal e vários outros acessórios, que são ações dentro da história que criam a narrativa. Isolando *twist*, temos um substantivo para reviravolta e um verbo para revirar ou girar [...]. Podemos perceber que *plot twist*, traduzido ao pé da letra, significa reviravolta no enredo. (O QUE..., 2018, grifo do autor)

O uso do *plot twist* caracteriza uma mudança nos rumos desenhados pela trama em seus primeiros momentos. Presente em peças teatrais, séries de TV

e obras literárias, o *plot twist* também encontrou ressonâncias no *podcast*. Já o *cliffhanger*, ao ser traduzido, seria contemplado pela expressão “à beira do abismo”:

[...] isso é um cliffhanger. O personagem está em uma situação impossível de ser resolvida, ele está para morrer ou uma revelação bombástica está para acontecer, mas o episódio acaba naquele exato momento, e você fica com aquela curiosidade imensa, procura todas as teorias possíveis, discute pelas redes sociais, mas nada adianta, você vai ter que esperar pelo próximo capítulo. (BRAGA, 2018)

Esse recurso, no *podcast*, garantiria o interesse do ouvinte em continuar acompanhando o desenrolar da história, aumentando suas chances de fidelização. Como a narrativa discutida aqui é jornalística, ou seja, real, o jornalista-interlocutor assume o papel do narrador onipresente e onisciente, alcançado por meio de uma apuração detalhada que beira a observação participante.

Outro recurso significativo do *storytelling* é a reprodução das falas dos personagens em uma espécie de caracterização. No jornalismo impresso, as vozes aparecem cerceadas por aspas. No *podcast*, utilizam-se as sonoras para dar vida aos personagens, recorrendo às próprias vozes e depoimentos dos envolvidos.

Por fim, acreditamos que a parte final da história nesse radiojornalismo narrativo deve contemplar um resgate num final tão elaborado quanto o começo, não tendo que apresentar necessariamente uma conclusão efetiva da narrativa, já que se trata de histórias reais de pessoas reais. No entanto, uma remissão ao início da trama se caracterizaria como uma estrutura circular.

Desenvolvidas as reflexões acerca do uso do *storytelling* em *podcasts* com narrativas jornalísticas, nossa proposta é observar se as características apontadas são utilizadas (e como são utilizadas) na construção de um radiojornalismo narrativo.

“O caso Evandro” e a técnica do *storytelling*

Estreado em 31 de outubro de 2018, “O Caso Evandro” é produzido por Ivan Mizanzuk para o Projeto Humanos. No ano do lançamento, a série teve um episódio lançado por semana até dezembro. Após um recesso, retornou em fevereiro de 2019

e ainda está em fase de produção, com previsão para cerca de trinta episódios, tendo sido o 24º lançado em 19 de junho de 2019. O Projeto Humanos

[...] é um podcast que busca explorar um formato ainda pouco explorado no Brasil, o *storytelling*, popularmente utilizado em podcasts dos EUA, tais como Radiolab, This American Life e Serial. É como se fosse um documentário em formato de áudio e distribuído na internet. Aproxima-se de práticas conhecidas no país como jornalismo narrativo e/ou literário. (HISTÓRIAS..., 2017)

Segundo o site oficial do Projeto Humanos, a maioria dos *podcasts* produzidos na podosfera segue o formato de “conversa informal”. Entretanto, “o podcast *storytelling* já possui outra proposta: dedica-se em montar linhas narrativas mais imersivas, nas quais os ouvintes possam ter uma relação mais visceral com a história que lhes é contada” (HISTÓRIAS..., 2017).

Dessa forma, recorreremos ao primeiro episódio de “O caso Evandro” (O CASO..., 2018), para observar algumas especificidades traçadas anteriormente sobre o uso do *storytelling* voltado para *podcasts* com narrativas jornalísticas. Para tanto, recorreremos à análise de conteúdo (BARDIN, 1977) em busca da observação de determinados operadores divididos em dois eixos principais: conteúdo e estrutura.

1. Na vertente conteúdo, observaremos os seguintes aspectos:
 - Apresentação da trama: verificar se a produção recorre à técnica do lead, ou pirâmide invertida, ou se lança mão da criatividade, fugindo dos padrões do jornalismo tradicional;
 - Desenvolvimento do enredo: observar se há uso do *plot twist* ou do *cliffhanger*; e
 - Sinestesia na narrativa: pontuar se a trama busca contemplar mais de um sentido no ouvinte.
2. No âmbito da estrutura, recorreremos aos seguintes operadores:
 - Humanização do relato: observar como as vozes são dadas aos personagens;
 - Papel do narrador: verificar se o narrador é onisciente e como conduz a narrativa; e
 - Temporalidade: observar a temporalidade em que a trama se desenrola.

O episódio piloto tem o mesmo nome da temporada, “O caso Evandro”, e possui 64 minutos de duração. Apresenta a seguinte sinopse: “No dia 6 de Abril de 1992, na cidade de Guaratuba, litoral do Paraná, o menino Evandro Ramos Caetano desapareceu. E a partir desse dia, Guaratuba nunca mais foi a mesma” (O CASO..., 2018).

Em relação ao primeiro operador, a trama se inicia com as seguintes falas de Mizanzuk: “antes de começar, eu gostaria de pedir que você faça algo por mim”. Na sequência, propõe um exercício para o ouvinte: como você provaria para alguém que é você, criança, em uma foto de família? E, mais que isso, como garantir, aparentemente sem provas, uma verdade questionável?

Essa pequena ilustração sintetiza o espírito dessa nova temporada do Projeto Humanos. Em vários momentos, você passará pelo o que eu passei nesses últimos dois anos que venho pesquisando essa história e chegará ao final se questionando como a realidade é frágil. Eu sou Ivan Mizanzuk. Bem-vindos a “O Caso Evandro”.

Na sequência, Ivan Mizanzuk apresenta uma contextualização histórica sobre os casos de desaparecimento de crianças no Paraná na década de 1990. Ao optar por essa abertura da trama, ele deixa de lado o tradicional lead jornalístico, que busca delinear o cenário em que a história se desenrola. Essa estratégia, além de despertar interesse no ouvinte, proporciona um aprofundamento no tema, trazendo à tona detalhes importantes.

Tudo ia bem na cidade litorânea de Guaratuba com um prefeito considerado bom e justo pela sociedade, responsável por benefícios que atraíam diversos turistas ao município durante o ano. Contudo, “1992 era o último ano de mandato de Aldo Abagge e é também neste ano que a história da cidade foi alterada para sempre”. A partir de então, a trama se volta para a história do desaparecimento de Evandro, uma criança de 6 anos. Não consideramos esse momento como *plot twist*, pois a história ainda se encontra em seus primeiros momentos, quando o ouvinte está sendo contextualizado.

Evandro desapareceu em 6 de abril de 1992. O grupo Tigre, da Polícia Civil, iniciou as investigações sobre o ocorrido em 7 de abril e o corpo da criança foi encontrado em 11 de abril, perto da casa da família. O cadáver estava com ventre aberto, cabelos raspados e sem as mãos: a suspeita é de que havia ocorrido um ritual de magia negra. Ao longo do primeiro capítulo, alguns detalhes sobre o aparecimento do corpo são explorados na narrativa, além da atuação do grupo Tigre, que esteve à frente das investigações de abril a junho, sem conseguir evidências importantes.

A estratégia do *plot twist* aparece aos 55 minutos, demarcada pela seguinte frase de Mizanzuk: “no dia 2 de julho, Guaratuba nunca mais seria a mesma”. De uma hora para outra, sete pessoas foram presas mediante a confissão das cinco primeiras: Celina e Beatriz Abagge, esposa e filha do prefeito, respectivamente; Osvaldo Marcineiro, pai de santo; Vicente de Paula Ferreira, ajudante de Osvaldo; Davi dos Santos Soares, artesão; Airton Bardelli, gerente da serraria Abagge; e Francisco Sérgio Cristofolini, vizinho de Osvaldo.

O *cliffhanger* vem na sequência, quando a trama se encerra com áudios históricos da imprensa sobre a prisão dos acusados e a sequência cronológica de informações que corroboram as acusações, encurralando os envolvidos. Ivan encerra o piloto com prévias do episódio seguinte, apresentando falas dos personagens contendo confissões e detalhes do crime:

No dia 2 de julho de 1992, quase três meses após o desaparecimento de Evandro, cinco pessoas confessaram que o mataram num ritual macabro [...], mas o grupo Tigre não teve nada a ver com essas prisões. O que aconteceu exatamente você saberá no próximo episódio.

O terceiro operador sobre o conteúdo da narrativa é a sinestesia. Como visto, a descrição é muito utilizada no rádio para que o ouvinte consiga formular uma imagem mais próxima da realidade, despertando nele sensações. No episódio piloto, tal recurso aparece timidamente num trecho em que Ivan descreve um vídeo institucional que fazia propaganda de Guaratuba, cujo áudio é reproduzido no *podcast*: “neste vídeo são mostradas cenas de ruas pavimentadas, pessoas

andando na praia, a estátua do Cristo na cidade, tudo acompanhado por músicas que mostram que estamos, de fato, no início dos anos 90". Combinando a oralidade da sua fala e reproduzindo tais músicas, é possível formular imagens mentais para que o ouvinte se sinta inserido no cenário por meio dos sentidos estimulados.

No âmbito da estrutura, mais especificamente sobre o operador humanização do relato, observamos que oito sonoras de personagens são usadas como fontes, divididas em dois grupos: 1) áudios de arquivo, antigos; e 2) áudios gravados exclusivamente para esse episódio.

Os áudios de arquivo são retirados, em sua maioria de depoimentos dados durante julgamento. Atuando como fonte-testemunha, aparecem aqui os personagens Adalto Abreu, delegado do grupo Tigre; Leila Bertolini, delegada do grupo Tigre; e Rogério Pencai, policial do grupo Tigre. Atuando como fontes-personagens, temos o áudio de depoimento de Diógenes Caetano, primo de Evandro. Com áudios retirados de entrevista para a imprensa, temos ainda as vozes de Arlete Caramês, mãe de Guilherme Tiburtius (outro menino desaparecido na época); Aldo Abagge, prefeito de Guaratuba na época; e Celina Abagge, esposa do prefeito. A única sonora gravada exclusivamente para esse episódio é a de Monica Santana, jornalista que acompanhou o caso, atuando como testemunha.

Neste último caso, a sonora é conduzida como forma de entrevista entre Monica e Mizanzuk para cobrir algumas lacunas deixadas pelos relatos encontrados nos áudios de arquivo. Estes, por sua vez, são editados de forma a conduzirem toda a trama inicial, com poucas interferências do narrador, atuando, então, com certa autonomia e compondo a própria narrativa.

Mizanzuk, enquanto narrador, desenvolve dois papéis, o de testemunha e o de observador. O primeiro ocorre logo no início da trama, quando, ao contextualizar o ouvinte sobre os casos de crianças desaparecidas no Paraná, lembra o desaparecimento de Guilherme Tiburtius: "eu tinha a mesma idade de Guilherme e via suas fotos em todos os locais que ia com meus pais. Então aquelas lições que recebemos quando crianças do tipo 'não fale com estranhos', ganharam uma conotação especial na época. Pelo menos para mim". Já o papel de narrador observador se desenvolve

durante todo o restante da história, expondo os eventos observados por ele e mantendo o distanciamento e a objetividade do contar, afinal, desconhece o íntimo dos personagens e das ações por eles praticadas.

Em relação à temporalidade da narrativa, observamos o caráter contemporâneo em detrimento da atualidade, pois trata-se de uma história atemporal. Sobre a edição do episódio, ele caracteriza-se como uma narrativa não linear, pois os acontecimentos vão e voltam.

Com base em nossa análise, observamos que todas características que propusemos observar estão presentes na narrativa. O que corrobora a tese de que “O Caso Evandro” recorre a estratégias de *storytelling* e essa produção aproveita as potencialidades da mídia sonora para o uso dessa técnica na composição de um radiojornalismo narrativo.

Considerações finais

Essa pesquisa buscou refletir sobre o uso do *storytelling* em *podcasts* caracterizados como radiojornalismo narrativo. Observamos que esse tipo de produção, no lugar de noticiar o que todos os veículos já noticiaram, opta por ângulos desenvolvidos sobre histórias de personagens. Poucos trabalhos acadêmicos se dedicam a explorar o uso dessa técnica voltada para as mídias sonoras, e foi esse olhar que propusemos aqui.

“O Caso Evandro” lança mão dessa estratégia em diversos outros pontos que não puderam ser observados aqui e tal produção tem se consolidado como referência para outras que buscam seguir a mesma linha. Como vimos, as características do rádio e da mídia sonora são terreno propulsor para o desenvolvimento do *storytelling*, e seus recursos também não se limitam descritos neste trabalho.

Este artigo é apenas o embrião de uma pesquisa maior, que busca explorar a fundo as especificidades dessa técnica narrativa. De antemão, pudemos observar um campo promissor para reflexões acadêmicas que, por sua vez, tem reflexo direto nas produções desenvolvidas pelo mercado, ainda que de forma independente e incipiente.

Referências

ALMEIDA, A. O gênero Debate e o mito da superficialidade no rádio: a experiência do programa Além da Notícia. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 46-57, 2004.

BARBOSA FILHO, A. *Gêneros radiofônicos*. São Paulo: Paulinas, 2003.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRAGA, H. Você sabe o que é cliffhanger? *HQ's com Café*, [s. l.], 20 fev. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3cPgK6B>. Acesso em: 24 jun. 2019.

COGO, R. S. *Da memória ao storytelling: em busca de novas narrativas organizacionais*. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CUNHA, K. M. R; MANTELLO, P. F. Era uma vez a notícia: storytelling como técnica de redação de textos jornalísticos. *Comunicação Midiática*, Bauru, v. 9, n. 2, p. 56-67, 2014.

HISTÓRIAS reais sobre pessoas reais. [S. l.]: Projeto Humanos, 30 maio 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3cQrOaf>. Acesso em: 25 jun. 2019.

KISCHINHEVSKY, M. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. *Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, Santiago de Compostela, v. 5, n. 10, p. 74-81, 2018.

LIMA, E. P. Storytelling em plataforma impressa e digital: contribuição potencial do jornalismo literário. *Organicom*, São Paulo, v. 11, n. 20, p. 118-127, 2014.

MARTINEZ, M. Jornalismo literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. *Intercom*, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 21-36, 2017.

O CASO Evandro: 1 – O caso Evandro. [Locução]: Ivan Mizanzuk. [S. l.]: AntiCast, 31 out. 2018. *Podcast*. Disponível em: <https://bit.ly/3e2zb92>. Acesso em: 25 jun. 2019.

O QUE é plot twist? *YZG Blog*, Campinas, 13 ago. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2UvRig4>. Acesso em: 24 jun. 2019.

ORTRIWANO, G. *A informação no rádio: os grupos de poder e determinação de conteúdo*. São Paulo: Summus, 1985.

VIANA, L. Áudio imersivo: recurso binaural na construção de narrativas em podcasts ficcionais de drama. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 41., 2018, Joinville. *Anais [...]*. Joinville: Intercom, 2018. p. 1-15.

submetido em: 3 mar. 2020 | aprovado em: 22 mar. 2020